FRANCA, Darcy Cesário - Quero ir para minha casa ? minha casa é o Marajó

Aluna: Darcy Cesário Franca (Doutorado)
Orientador: Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck
Trabalho a ser discutido no dia 01 de junho de 2006

"A existência que não podemos abstrair, e que se nos oferece como posição no tempo, realidade imediata e vir-a-ser, à qual nos encontramos vinculados por uma relação interior que nenhuma síntese conceptual pode eliminar ou superar, é a nossa própria existência."¹

Este texto é um convite a Marajó, arquipélago que comporta em seu seio muitas outras pequenas ilhas e que é banhada pelos rios Amazonas e Tocantins e pelo Oceano Atlântico; situado ao norte do Brasil, na Amazônia, a uns 80 km da cidade de Belém, capital do Pará.

Ali existem quilômetros e quilômetros de alvas praias, rústicas e formosas que beijam as matas as quais mundiam² as pessoas transformando-as em curandeiros, e deixando nos cidadãos comuns um desejo de retorno. Marajó é lugar em que se encontra a polícia montada em enormes búfalos, os quais têm olhar sorrateiro e observam as pessoas por trás dos arbustos, ou de dentro d'água, de onde só deixam a cabeça de fora. Búfalo, animal enigmático, que seduz com seu jeito enorme de rinoceronte e que ao mesmo tempo em que se apresenta como muito dócil e lento pode ser muito bravo e ágil; tanto serve de veículo aos policiais, quanto de animal de atração para os hóspedes do hotel fazenda passearem. São produtor de leite, de queijos e carne com menos colesterol. Ou ainda, é muito comum encontrá-lo amarrado ao mourão na porta das casas esperando algum menino pular em cima e ir dar o recado ou quem sabe fazer algum outro mandado da mãe, levantando pelo meio do mangue uma revoada de guarás vermelhos.

Essa terra que encanta pelas lendas e pela realidade é musicada pelo carimbó, retumbão e o lundu³, cantados e dançados pelos nativos e que evocam raízes antropológicas no humano. Ali onde muitos homens sobrevivem dos gordos caranguejos que tiram do útero do mangue, depois de se chafurdarem na negra lama, e outros poucos usufruem das grandes áreas de terra e água na criação de gado e de búfalos, e hoje transitam por jeeps com ar condicionado, lanchas velozes e aviões monomotores, nasceu em 1919 D. Florinda – Flor-linda, com uma flor do pântano, quando o meio de transporte eram os búfalos e os barquinhos à remo. A iluminação por lâmpões de querosene e as crianças brincavam com bonequinhos e caquinhos de barro. Foi criada desde muito cedo pelo pai, por suas irmãs mais velhas e por uma tia, pois sua mãe morreria ainda no início do seu segundo ano de vida.

É para essa ilha que encanta e seduz, no início do século passado, que D. Florinda se remete cada vez com maior freqüência, à medida que a Doença de Alzheimer –DA⁴ avança, que convidou vocês, na tentativa de poder tecer algumas considerações sobre o indizível segredo da subjetividade do paciente dessa doença. O que se tem observado clinicamente, tanto com os pacientes com DA. e com seus cuidadores é que com a perda de memória e alteração espacial o paciente mesmo na primeira fase corre o risco de perder-se, até mesmo dentro de sua própria casa. Como, por exemplo, não saber onde fica o banheiro. Assim como é comum que mesmo na própria rua onde mora possa tomar uma direção oposta a sua casa e não saber voltar, nem tão pouco informar seu endereço. Como se perdesse o rumo de si mesmo sem saber onde e como se encontrar:

"Ainda na primeira fase da doença, quando mal havia sido diagnosticada, a mamãe saiu para ir à feira e se perdeu, eu e minha família ficamos desesperados, pois já fazia mais de doze horas que saíra de casa. Havíamos procurado por todos os lugares que nos tinha ocorrido quando recebemos um telefonema de uma antiga vizinha nossa. Vizinha de uma casa que moramos quando eu e meus irmãos ainda éramos crianças e meu pai era vivo, informando que um senhor havia encontrado a mamãe, numa praça, a uns dez quilômetros de minha casa atual, com olhar vago e andando a esmo. Quando ele a abordou ela lhe disse que queria ir para casa mas não sabia como fazer. Ao lhe perguntar seu endereço ela disse que morava onde vivera quando ainda era jovem, com seu marido e com seus filhos pequenos".⁵

Ao passo em que a doença avança e o paciente vai perdendo a direção espacial tende a procurar um lugar em que tenha vivido em tempo anterior em sua vida, o qual se torna cada vez mais remoto. A ponto de chegar a tempos inalcançáveis pela memória e informação daqueles que com ele vivem. O que nos leva à hipótese de quanto mais a realidade que a circunda vai se tornando estranha e ameaçadora, maior a propensão a ir em direção a um lugar e tempo onde e quando, provavelmente, viveu como se estivesse em maior segurança. Até quando ainda o que resta são possíveis memórias de um tempo não vivido pelo sujeito, mas sim da cultura de seus antepassados.

Numa outra situação de desaparecimento D. Florinda foi encontrada muito distante de sua atual residência, à beira do porto onde se embarca para ir ao Marajó. Disse então às pessoas que ali estavam que morava em Soure, capital de ilha, e que queria ir para sua casa, pois seu pai a esperava. Por sorte uma pessoa a reconheceu e avisou à família.

Em trabalho que antecedeu este, me referi às memórias de D. Florinda as quais não eram lembradas mas vividas, não presentificando uma ausência mas erguendo os fantasmas de seus mortos, servindo-se, às vezes, de alguma pessoa da realidade atual. Depois de um certo tempo, D. Florinda alucinava a presença de seus antepassados, os quais surgiam em sua fantasia, em sua realidade: O paciente com DA confunde facilmente a realidade e, para ele, não é claro a diferença entre o presente do passado, assim como não é claro a diferença entre esse ou aquele filho ou parente. Essa alteração da consciência é que chamamos de alteração cognitiva⁶. Assim ela pode falar sobre seus fantasmas agora tão vívidos, que são ressignificados a seu modo, do jeito que suas recordações confusas e fragmentadas podem manifestar, não necessariamente para dar um outro sentido a elas mas na tentativa de dar significado a esse tempo de outrora o qual se encontra no tempo de agora. D.

Florinda faz uma sobreposição do tempo quando fala de seu marido, de seus filhos, de suas irmãs, de sua tia e de seu pai, como se todos estivessem hoje em sua vida, o que segundo Fédida:

“ O pode, então, entrar como componente do relato do locutor cujo tempo no assado agiria no presente da enunciação; a evocação do acontecimento passado é pronunciada a partir do presente que se relembra e cuja reminiscência chama, de fato, a continuação do tempo do acontecimento. O aoristo é que pela linguagem faz vir o tempo infantil ”⁷

Parece-me que o retorno ao tempo e aos afetos infantis também permite que a onipotência do pensamento se potencialize na realização de desejos do paciente de DA, trazendo os seus antepassados queridos, levando-o a um lugar de conforto e proteção à medida em que cada vez mais vai se perdendo de si enquanto sujeito, das pessoas e da realidade atual, e se torna um estrangeiro, para os outros e de si mesmo:

“Tomemos o estranho ligado à onipotência de pensamentos, à pronta realização de desejos, a maléficis poderes secretos e ao retorno dos mortos. A condição sob a qual se origina, aqui, a sensação de estranheza, é inequívoca. Nós — ou os nossos primitivos antepassados — acreditamos um dia que essas possibilidades eram realidades, e estávamos convictos de que realmente aconteciam. Hoje em dia não mais acreditamos nelas, superamos esses modos de pensamento; mas não nos sentimos muito seguros de nossas novas crenças, e as antigas existem ainda dentro de nós, prontas para se apoderarem de qualquer confirmação. Tão logo acontece realmente em nossas vidas algo que parece confirmar as velhas e rejeitadas crenças, sentimos a sensação do estranho; é como se estivéssemos raciocinando mais ou menos assim: ‘Então, afinal de contas, é verdade que se pode matar uma pessoa com o mero desejo da sua morte!’ ou ‘Então os mortos continuavam mesmo a viver e aparecem no palco de suas antigas atividades!’ e assim por diante. De forma inversa, qualquer um que se tenha livrado, finalmente, de modo completo, de crenças animistas será insensível a esse tipo de sentimento estranho.”⁸

É consabido que o prejuízo da memória recente e as lembranças do passado distante sejam comum no processo de envelhecimento e que na DA essas características são incomparavelmente mais acentuadas e estão relacionadas à degenerescência do cérebro, pois as áreas relacionadas à memória atual são primeiramente comprometidas e as vinculadas às lembranças distantes são preservadas por mais tempo. Eis aqui um fragmento de uma narrativa que nos leva a supor que o retorno do paciente de DA à memória antiga o reconduz a inscrições muito primitivas em sua existência:

“No dia das mães, próximo passado, levei a mamãe a uma cerimônia em homenagem às mães. Durante um cântico ela começou a chorar com aparentando muito sofrimento. Soluçava. Então perguntei a ela o que estava acontecendo ela me disse que estava com muita saudade. A princípio cheguei a pensar que ela estava com saudade do tempo em que nós filhos éramos crianças e cantávamos em programas nos dias das mães. Pois assim eu seria contemplada com sua memória sobre seus filhos. Minha mãe estava ali! Mas lhe perguntei: saudade de que? Então ela me respondeu, saudade da minha mãe”.⁹

O que me despertou a atenção imediatamente sobre essa narrativa foi o fato de que a mãe de D. Florinda morreu no início de seu segundo ano de vida. É certo que é que o paciente da DA: “Mesmo não se lembrando mais de fatos recentes, como por exemplo o que teve no jantar de ontem, pode haver lembranças claras de um passado mais distante. O paciente freqüentemente se lembra e repete histórias de sua infância com riqueza de detalhes impressionante.”¹⁰ É fundamental não perder de vista que aqui parece comparecer lembranças muito tenras e remotas que foram inscritas com grande importância em tempo ainda muito rudimentar de sua constituição. O que me remete à afirmação de Freud, quando diz que:

“Em toda investigação psicanalítica da história de uma vida, é sempre possível explicar o significado das lembranças da primeira infância ao longo dessas linhas. De fato acontece habitualmente que a própria recordação à qual o paciente dá precedência, aquela que relata em primeiro lugar, com a qual introduz a história da sua vida, vem a ser a mais importante, a única que contém a chave das páginas secretas da sua mente.”¹¹

Ora, já faz algum tempo que D. Florinda tem trazido a seu cotidiano lembranças de fatos muito antigos, por exemplo, houve um período em que falava muito de alguns nomes de pessoas, com uma certa intimidade, que seus filhos não conheciam, e quando foram procurar saber descobriram que eram nomes de alguns colegas de escola, da infância. Assim como freqüentemente tem trazido em seu cotidiano músicas infantis de sua época e chamado para dançar o lundu e o retumbão. Sua filha encontra com alguma freqüência brinquedinhos de sua neta, caquinhos e pedrinhas pegos no jardim, dentro do sutiã de D. Florinda, e quando lhe pergunta o que é, ela responde que são seus brinquedinhos.

Aqui me parece que o tempo infantil em D. Florinda tem se tornado cada vez mais remoto em sua memória esfiapada de pelo avanço da DA, e quando ouve a canção em homenagem às mães, em 2006. ela regride não somente ao tempo em que teve os cuidados do pai, da tia e das irmãs, mas vai a 1919 início de 1920, tempo em que teve de fato a sua mãe. Tempo em que conjumina com o que parece viver quando pega a chupeta de sua bisneta de menos de um ano de vida e a chupa para dormir.

Na minha compreensão encontramos D. Florinda, cada vez mais, em direção à ilha encantada, se lá já não estiver. Mas não é somente ela que está a fazer esse percurso, sua filha também é remetida a fantasmas, seus e de sua mãe, quando lhe é solicitado que se coloque no lugar da mãe da menininha de Marajó, aconchegando-a em seu choro de saudade da “minha mãe”, abdicando-se do lugar de filha, e tomando o lugar na onipotência do pensamento de Flor – linda. E, que em sua disponibilidade para contribuir com esta investigação retorna ao Marajó na cata de alguma informação que possa sustentar nossa hipótese. Quanto a mim, não pensem que trato desta questão impunemente, pois além do meu encanto pela ilha e pelo desejo de falar sobre esse indizível, sou também capturada por algo que me é estranho e que ao mesmo tempo me instiga a me

disponibilizar para o avanço desta pesquisa. Reconheço que se trata de uma empreitada que bole comigo até o cerne, pois também fico mundiada por Marajó, pela DA e pelo inacessível, o que me faz curvar à afirmação de Fedida: "Cada paciente, em seu tratamento, solicita o terapeuta na fonte de sua linguagem colocando esta última à prova de sua renovação, de sua potência poética".¹²

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Izabella Dutra. Demência de Alzheimer: correlação entre memória e autonomia - Rev. psiquiatr. clín., Jun 2005. vol.32, no.3, p.131-136.

BASTOS, C. L. Tempo, idade e cultura: uma contribuição à psicopatologia da depressão no idoso, Parte I: Temporalidade e cultura in Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, Vol. VIII. no. 4 dezembro de 2005.

BERLINCK, M. T. Psicopatologia Fundamental. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

BERTOLUCCI, Paulo. Alterações de linguagem nas fases iniciais da doença de Alzheimer. Arq. Neuro-Psiquiatr., Jun 2005, vol.63, no.2a, p.311-317.

FEDIDA, P. Comunicação e Representação. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1989.

_____. Nome, Figura e Memória – a linguagem na situação psicanalítica. Tradução de Martha Gambini e Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1992.

_____. O Sítio do estrangeiro – a situação psicanalítica. Tradução de Eliana B. P. Leite Martha Gambini e Mônica Seincman. São Paulo: Editora Escuta, 1996.

FREUD, S. A interpretação do Sonho. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda. 1970.

_____. Totem e Tabu e outros trabalhos. Tradução de Orizon Carneiro Muniz, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda. 1970.

_____. História de uma Neurose Infantil e outros trabalhos. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda. 1970.

LAPLNCHÉ, J. A Angústia – Problemáticas I, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Cosacnaify, 2003.

NUNES, B. Filosofia Contemporânea – edição revista e atualizada, Belém, Pará, Editora Univeristária da UFPA, 2005.

SOARES, F. M. DE P. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental in Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, Vol. VIII. no. 1. março de 2005.

UCHOA, E. e CORIN, E. Evidência científica e experiência clínica: aspectos transculturais in Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, Vol. V. no. 4. dezembro de 2002.

<http://www.abraz.com.br>
www.alma-argentina.org.ar –
www.alzheimer-europe.org/portuguese/ -
<http://alzhimerni.cjb.net/>
www.psiqweb.med.br/geriat/alzh.html
www.psiqweb.med.br/geriat/alzh.html

1. Benedito Nunes. 2005, pág. 56.

2. Mundiar é magnetizar por encantamento, que produz magia, enfeitamento, sedução.

3. Danças folclóricas ainda hoje utilizadas no norte, e muito presentes na ilha de Marajó. Carimbó, dança de roda do litoral paraense. Retumbão, dança preferida da marujada na festa de S. Benedito, em Bragança. Lundu, dança de par solto, de origem africana, que teve seu esplendor no Brasil em fins do séc. XVIII e começos do séc. XIX.

4. DA é a sigla utilizada no meio científico para se referir à Doença de Alzheimer e que será utilizada daqui para frente neste texto, sempre que se for referir a essa patologia.

5. Narrativa da filha cuidadora.

6. www.psiqweb.med.br/geriat/alzh.html

7. Fedida, 1996, p. 82.

8. Freud, 1919, p. 308.

9. Relato da filha cuidadora, no dia 15 de maio de 1006, pelo telefone.

10. **www.psiqweb.med.br/geriat/alzh.html**

11. Freud. 1917, p. 187.

12. Fedida, 1992, p. 13.